

O grito das escritas insubmissas: poéticas em deslocamento

El grito de las insumisas escritas: poéticas en desplazamiento

Le cri des écritures insoumises: poétiques en déplacement

Erika Jane Ribeiro¹ 

Alexandre Oliveira Fernandes² 

¹ Doutora em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz

² Professor do Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA/Porto Seguro)

E-mail: erikapokpok@gmail.com

E-mail: alexandrepro@gmail.com

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Adriana de Fátima
Alexandrino Lima Barbosa,
Anélia Montechiari Pietrani
e Daiana Nascimento dos
Santos

Recebido: 04/06/2025

Aceito: 11/10/2025

Como citar: RIBEIRO,
Erika Jane; FERNANDES,
Alexandre Oliveira.
O grito das escritas
insubmissas: poéticas
em deslocamento.
Revista Diadorim, v.27,
n.3, e68657, 2025. DOI:
10.35520/diadorim.2025.
v27n3a68657

Resumo

Transitando por uma escrita do corpo que também reivindica asas e produz movimentos literários e discursivos não hegemônicos, mulheres poetas independentes constroem sua própria linguagem e traçam rotas de produção e experimentação poéticas, não amparadas pelo cânone. Assim, buscando o deslocamento de universalidades e conceituações hegemônicas, em torno da produção poética de mulheres, este artigo propõe uma leitura poético-política dos poemas *eu sou do time das insubmissas*, de autoria da poeta e cantora pernambucana Luna Vitrolira, e *Mulher*, de autoria das poetisas baianas Mariana Guimarães e Pók Ribeiro, ancorada numa perspectiva metodológica interseccional, que entrecruze outras vozes e pensamentos de mulheres como Glória Anzaldúa, Hélène Cixous, Grada Kilomba e Sjoum Truth. Pelos atravessamentos construídos, com a leitura dos poemas-corpos e *corpus* deste estudo, e as reflexões deles redobradas, pudemos tecer problematizações acerca das noções de escrita de mulheres, voz e grito poético como inscrições de subjetividades dissidentes, além de evidenciarmos que essas criações, escritas com o corpo, são também poéticas libertárias coletivas, pelas

quais as mulheres poetas partilham experiências encarnadas, situadas, em cada verso atravessado pela pulsação de vida.

Palavras-chave:

Produção poética de mulheres; Grito poético; Escrita do corpo.

Resumen

Transitando por una escritura del cuerpo que también reclama alas y produce movimientos literarios y discursivos no hegemónicos, las mujeres poetas independientes construyen su propio lenguaje y trazan rutas de producción y experimentación poética que no se sustentan en el canon. Así, buscando desplazar universalidades y conceptualizaciones hegemónicas en torno a la producción poética de las mujeres, este artículo propone una lectura poético-política de los poemas Soy del equipo de las insumisas de la poeta y cantante pernambucana Luna Vitrolira y Mujer de las poetas bahianas Mariana Guimarães y Pók Ribeiro, anclado en una perspectiva metodológica interseccional, que entrelaza otras voces y pensamientos de mujeres como Glória Anzaldúa, Hélène Cixous, Grada Kilomba y Soujourrn Truth. A partir de los cruces contruidos por la lectura de los poemas-cuerpo y del corpus de este estudio, y de las reflexiones redobladas a partir de ellos, pudimos problematizar las nociones de escritura, voz y grito poético de las mujeres como inscripciones de subjetividades disidentes, así como evidenciar que estas creaciones, escritas con el cuerpo, son también poéticas colectivas liberadoras, a través de las cuales las mujeres poetas comparten experiencias encarnadas y situadas en cada verso atravesado por el pulso de la vida.

Palavras-clave:

Producción poética de las mujeres; Grito poético; Escritura del cuerpo.

Résumé

À travers une écriture du corps qui revendique également des ailes et produit des mouvements littéraires et discursifs non hégémoniques, les femmes poètes indépendantes construisent leur propre langage et tracent des voies de production et d'expérimentation poétiques, sans s'appuyer sur le canon. Ainsi, en cherchant à déplacer les universalités et les conceptualisations hégémoniques autour de la production poétique des femmes, cet article propose une lecture poético-politique des poèmes Je fais partie de l'équipe des insoumises de la poète et chanteuse Luna Vitrolira, originaire de Pernambuco, et Femme des poètes bahianaises Mariana Guimarães et Pók Ribeiro, ancrée dans une perspective méthodologique intersectionnelle qui croise d'autres voix et pensées de femmes telles que Glória Anzaldúa, Hélène Cixous, Grada Kilomba e Soujourrn Truth. Les croisements construits, avec la lecture des poèmes-corps et du corpus de cette étude, et les réflexions qu'ils sus-

citent, nous ont permis de soulever des questions sur les notions d'écriture féminine, de voix et de cri poétique comme inscriptions de subjectivités dissidentes, en plus de mettre en évidence que ces créations, écrites avec le corps, sont également des poétiques libertaires collectives, à travers lesquelles les femmes poètes partagent des expériences incarnées, situées, dans chaque vers traversé par le pouls de la vie.

Mots clés:

Production poétique féminine; Cri poétique; Écriture du corps.

a reivindicação

Como “uma ponte balançada pelo vento, uma encruzilhada habitada por redemoinhos” (Anzaldúa, 2021, p. 78), a produção poética de mulheres, feita de modo independente, parece transitar pelo entrecruzamento de anseios mais pessoais, brotados das relações afetivas e sociopolíticas construídas em seus espaços de vivência e atuação, e a reivindicação de uma voz coletiva que também acolha e ecoe a sua, alinhavando-as a reflexões epistemológicas dissidentes. É pela produção poética – escrita ou não – que essas autoras se inscrevem no mundo, deslocam linhas fronteiriças e questionam a naturalização de lugares sociais predestinados, bem como de discursos hegemônicos que insistem em mantê-las em condição de inércia, ao dispor das normas. É, pois, pela leitura poético-política dos poemas *eu sou do time das insubmissas* (Vitrolira, 2025) e *Mulher* (Guimarães; Ribeiro, 2020), ancorada numa perspectiva metodológica interseccional, entrecruzada por outras vozes de mulheres como Glória Anzaldúa (2000; 2016; 2021), Hélène Cixous (2022), Grada Kilomba (2019), Soujourn Truth (2014) e outros autores, que questionaremos a ordem logocêntrica binária reproduzida pelo cânone literário, ao mesmo tempo que experimentaremos novas rotas pelas gretas por onde transitam existências e saberes não legitimados. É também por essa fratura escrita que Glória Anzaldúa (2016) movimentou-se e conclama outras mulheres aos deslocamentos e travessias, de modo que suas escritas se aglutinem, questionando as imposições em língua seca e uma do ordenamento patriarcal, mas, sobretudo, produzindo epistemes em coletividade:

No tengo cultura porque, como feminista, desafío las creencias culturales-religiosas colectivas creadas por hombres, de los Indo-hispanos y Anglos; sin embargo, soy una persona culta porque estoy participando en la creación de otra cultura más, una nueva historia para dar cuenta del mundo y de nuestra participación en él; un nuevo sistema de valores con imágenes y símbolos que nos conecten a unas personas con otras y con

el planeta. *Soy un amasamiento*, soy un acto de amasar de unir y juntar que no solo ha creado una criatura de oscuridad e una criatura da luz, sino también una criatura que cuestiona las definiciones de luz y de oscuridad y les asigna nuevos significados¹ (Anzaldúa, 2016, p. 138, grifo da autora).

Ao desafiar o sistema patriarcal e a perpetuação de sua história única, Anzaldúa recusa a universalidade discursiva e cultural, que insiste em objetificar e silenciar os sujeitos subalternizados, a exemplo das mulheres, sobretudo aquelas que rasuram os padrões cisheteronormativos eurocentrados e/ou vivem em territórios invisibilizados, e, por outro lado, promove a criação de uma nova história que rompa com o poder hegemônico. Ao destacar sua participação na criação de uma nova cultura, Anzaldúa reforça a importância da produção de pensamentos, saberes e discursos – literários ou não – que brotem das fronteiras, a partir de perspectivas dissidentes que acolham as vozes e experiências silenciadas. Assim também, mulheres poetas, entre elas as autoras dos poemas que aqui serão lidos, têm questionado a perpetuação do sistema hegemônico propagador dessa história oficial única, contada a partir da voz e palavra de homens brancos, bem como a construção, igualmente colonial e patriarcal, do cânone literário brasileiro. Acolhendo as provocações de Anzaldúa, essas mulheres poetas reivindicam, pela criação poética, uma nova história para explicar o mundo e sua participação nele.

Sendo a literatura essa estranha instituição que pode dizer tudo (Derrida, 2014), não se prendendo a conceitos rijos ou discursos teóricos alicerçados nas hegemônicas e eurocentradas epistemologias, fundadas em binarismos e exclusões, será também por e com ela, em suas plurimanifestações, que confrontaremos os estigmas e silenciamentos impostos, por séculos, às mulheres que escrevem neste lado de cá dos trópicos. Essas mulheres poetas e seus textos que aqui lemos diretamente, numa viagem pelas suas experiências e também leituras outras, gozam da literatura uma possibilidade dilatadora, pela qual o corpo fala, e o desejo de inscrever-se no mundo, para além das demarcações sociais, escorre, umedecendo concepções naturalizadas pela colonialidade. Quem nos convoca a pensar sobre a abertura de passagens por onde escapa a umidade do pensamento é Rafael Haddock-Lobo (2011, p.81), destacando que “a umidade como a que aqui quero ver pensada é a impossibilidade mesmo de qualquer hegemonia, de qualquer totalitarismo do discurso, pois vai sempre permitir uma fenda, uma brecha, uma contaminação”. Assim, essas produ-

¹ Não tenho cultura porque, como feminista, desafio as crenças culturais e religiosas coletivas criadas por homens, tanto indo-hispânicos quanto anglo-americanos; entretanto, sou uma pessoa culta porque participo da criação de outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos ligam uns aos outros e ao planeta. *Sou uma aglutinação*, sou um processo de coleta e união que não apenas criou uma criatura de escuridão e uma criatura de luz, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e escuridão e lhes dá novos significados. (Tradução nossa)

ções poéticas femininas escorrem indóceis, derramando-se em outras linguagens e manifestações artísticas dissidentes.

Pelas brechas alargadas na umidade do pensamento, criações artísticas e literárias, sobretudo de caráter coletivo e/ou produzidas de modo independente, vêm se consolidando como territórios simbólicos e políticos de acolhimento e difusão de vozes dissidentes, numa perspectiva de embotamento dos padrões normativos e excludentes que, historicamente, regem a produção e a circulação literária no Brasil. Tais produções rasuram o cânone literário tradicional — enraizado em epistemologias coloniais e patriarcais, sustentadas numa lógica heteronormativa e eurocentrada. Por esse movimento de umidades, os coletivos artísticos e literários femininos emergem não apenas como instâncias criativas, mas como potentes formas de resistência política e epistêmica, nas quais mulheres, em sua pluralidade, se reúnem para compartilhar saberes, afetos e experiências, reivindicando o direito à dizibilidade (Kilomba, 2019). Grada Kilomba nos lembra sobre a dimensão política do uso das palavras, da reconfiguração da linguagem pela voz das mulheres, de modo a borrar a suposta neutralidade da língua que preserva vozes e escritas hegemônicas.

Nesses espaços de cocriação e experimentação artística da palavra expandida, os corpos, as recusas e também os desejos são recolocados como potenciais produtores de discursos e subjetividades, de modo que as poéticas que deles brotam rompem com as amarras da linguagem colonizadora, celebrando a potência criadora de mulheres que escrevem a partir das margens — não como ausência, falta, mas como lugar fértil de criação, acolhimento e poder transformador. Nesse sentido, o processo de escrita literária, sobretudo poética, de mulheres apresenta uma importante transformação política, em que a demarcação dos lugares sociais é resignificada e “a hegemonia do lugar de fala branco-colonial como infraestrutura dos regimes de verdade que até hoje determinam as condições ontoepistemológicas de enunciação” (Mombaça, 2021, p.30) também é borrada. Para além disso, para as próprias mulheres escritoras, essa escrita contestadora justifica-se tanto pelas causas sociopolíticas que as atravessam como pelas motivações mais particulares, também derivadas da própria dinâmica social, tão demarcada pelas assimetrias de gênero, além de raça, classe, território, etnia e outros marcadores sociais.

Esses corpos/*corpus* escritos reivindicam, mas também constroem novas linguagens e estruturas literárias que os libertem do lugar de exploração da musa inerte ou da mãe e dona de casa abnegada sempre ao dispor de um ideário patriarcal e capitalista. É um corpo escrito em movimento, que não se nega a ser corpa e palavra-ação. Ao tomarem posse ou, mais que isso, construir essa nova linguagem, Vitrolira (2025), Guimarães; Ribeiro (2020) e outras mulheres poetisas contemporâneas apresentam a subjetividade dos seus olhares e experiências culturais e históricas sobre elas mesmas (Rago, 2012). É a [re]tomada do prazer de ver e sentir a si mesmas, despedidas das regras e tarjas patriarcais; libertas dos espelhos distorcidos

que reforçam subalternias e só refletem o falo e a falta, por meio dessa escrita que é emancip[ação], pulsando organicamente em cada mulher.

Vozes, corpos escritos e insubmissão: o grito poético

“eu não vou sucumbir”; “eu não vou por aí”. Sacudido pela poesia que lhes atravessa as entranhas e os sentidos, arrelhando palavras adormecidas, o corpo escrito das autoras Vitrolira (2025) e Guimarães; Ribeiro (2020), respectivamente, acorda o grito guardado, não somente como insurgência literária, mas sobretudo, como afirmação de si no mundo. Um grito poético-político que não mais retornará à garganta, mesmo que as estruturas opressoras do sistema cisheteropatriarcal e do cânone literário insistam em abafar e/ou modular as vozes femininas. Em *Solte os cachorros* (2006), Adélia Prado já nos alertava para o perigo inevitável do grito, destacando que “quem dá o grito vai preso, quem escreve feito eu esgota o zumbido de seu ouvido, mata um a um os marimbondos, com agulha fina, nos olhos. Não posso ver trouxa frouxa, amarro até ficar dura” (Prado, 1991, p.13).

A punição do grito, apontada por Adélia Prado, enquanto subversão das normativas hegemônicas, apresenta-se como estratégia de dominação e silenciamento coletivo, uma vez que a contenção dos gestos e da voz, das mulheres, é colocada como padrão social a ser alcançado. Assim, a audácia do grito reiterado se manifesta como insubordinação aos sistemas regulatórios opressivos e se infiltra na escrita poética de mulheres, confrontando o poderio ameaçador e dolorido dos marimbondos patriarcais. “não falo baixo” é o grito que enxota o medo e convoca outras mulheres aos motins das palavras em ebulição e aqui pode ser apreendido como grito poético, pelo qual as poetisas rompem as margens, desafiando as centralidades que dominam epistemes e produções literárias.

Nos textos *eu sou do time das insubmissas* (Vitrolira, 2025) e *Mulher* (Guimarães; Ribeiro, 2020), também é o grito que renova a construção do eu poético contemporâneo, essa mulher sujeita² poético-política que transmuta a linguagem, desconfigurando a imposição de um suposto neutro masculino e colocando-se nela como a-gente de transformação: eu poética. Retomando as reflexões em torno da perspectiva política da linguagem, especialmente quanto à redução do termo “sujeito” ao gênero masculino, em Língua Portuguesa, Grada Kilomba, em “Carta da autora à edição brasileira”, da sua obra *Memórias da plantação e episódios de racismo cotidiano* (2019), problematiza as relações de violência e poder que atravessam essa universalização masculina e destaca que a inexistência ou classificação de um termo como erro, reflete a anulação da/s identidade/s que ele representa. Assim, pela dimensão poético-política da linguagem, as poetisas reivindicam a inclusão dos seus

² A escolha do termo sujeitas, no feminino, demarca uma posição política que resiste às hegemonizações calcadas na cisheteronormatividade.

corpos escritos, das suas vozes e vivências, criando, reinventando modos de dizer e ser, pelo grito poético que se redobra.

Anunciada a reivindicação, que falem os poemas, esses corpos escritos e em reescrita permanente, digam, as sujeitas-poetas, recitem e gritem em profusão:

eu sou do time das insubmissas

não calo a boca
não falo baixo
não fico quieta
não fecho as pernas
não passo pano
pra macho

eu sou do time das que ventam forte eu sou de Iansã: raio no céu
rastros do fogo no peito da vida.

nasci para desafiar cercas, pra cuspir meus trovões!
nos telhados das ordens
Impostas pelos homens
meu verbo não se dobra:
eu sou do time das que giram
e fazem tempestade até em copo da d'água do fronte das que
não param de lutar porque nasci para ser movimento.

eu não vou sucumbir
eu não vou parar
meu passo não cabe em caminho reto.
eu sou de Iansã: foi o vento que me ensinou a ser livre
a desobedecer
eu sou dessas que desaprenderam o silêncio
já disse
eu sou do time das insubmissas
(Vitrolira, 2025)

Nesse poema, é Luna Vitrolira, poeta, cantora, atriz pernambucana, finalista do Prêmio Jabuti de 2019, com a obra poética *Aquenda: o amor às vezes é isso* (Editora Livre, 2018), que puxa a fiada das transgressões ao assumir uma identidade coletiva e indomada, logo no título do texto, pelo grito: “eu sou do time das insubmissas”. Essa insubordinação, aqui, é gesto poético-político pelo qual a autora volta-se para a voz do próprio corpo, resgatando sua potência ancestral e, assim, rejeitando a nor-

matividade cisheteropatriarcal e eurocentrada ainda produtora de silenciamentos e anulações.

O poema apresenta uma gramática da insubmissão, marcada pelos usos reiterados do “não”, reforçando as vontades mais legítimas da eu poética, mas também a retomada da enunciação sobre si e seu corpo, que busca estancar os abusos e violações perpetradas ao longo dos séculos, em nome da soberania patriarcal e consequente submissão da mulher. Essas reiteradas negações anunciam ainda que o corpo-mulher não mais figurará como território dominado e explorado pelo patriarcado: “não calo a boca/ não falo baixo/ não fico quieta/ não fecho as pernas/ não passo pano”. Ao negar todas essas regulações comportamentais apresentadas às mulheres como etiqueta social, autora e eu poética se fundem, reapropriando-se de suas corporeidades femininas, numa perspectiva política de recuperação da voz, do grito, dos seus posicionamentos diante do mundo, e, assim, inauguram um movimento permanente de resistências. Ao afirmar “eu não vou sucumbir/ eu não vou parar”, elas – autora e eu poética – assumem a disposição constante para a insubmissão, pelo corpo-escrito que não se cala.

“meu passo não cabe em caminho reto” é a expressão de uma vivência poético-política e experiência literária de umidades, disposta às contaminações proporcionadas pelas interconexões, as encruzilhadas poéticas que partem do contratempo e não se amarram aos fios da linearidade assegurada pela razão ocidental, entregando-se à dança giratória dos ciclos: “porque nasci para ser movimento.”

A insubmissão poética de Luna Vitrolira passa pelo desprendimento das rotulações que limitam e anulam identidades em motilidade, mas também demonstra que é preciso desaprender os caminhos coloniais e moldes canônicos patriarcais de escrita poética: “eu sou dessas que desaprenderam o silêncio”. Essa desobediência literária e também epistêmica, estimula ainda mais os movimentos e provoca uma reconfiguração das noções clássicas de poeta e poesia. Afinal, não são poetas as mulheres que escrevem a partir do que lhes corta a palavra-carne, dos mormaços dos seus territórios também subalternizados, refazendo a dor em labuta, grito e gozo, ocupando espaços de dizibilidade individualmente e em bandos? Também não é poesia o verso encarnado escrito por elas? Tais indagações recuperam o grito de Sojourner Truth, importante contestadora da hegemonia branca e patriarcal, nos Estados Unidos: “E não sou uma mulher?”, que também foi ressignificado por outras intelectuais negras como bell hooks, em sua primeira obra *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo* (1981), e Bárbara Carine, em sua recente obra *E eu, não sou intelectual? Um quase manual de sobrevivência acadêmica* (2025). Importante pensar aqui que, assim como a categorização de mulheres a partir de um padrão eurocentrado e colonial provoca o apagamento e silenciamento das construções dissidentes do ser mulher – atravessada pelos marcadores de gênero, raça, sexualidade, classe social e territorialidade –, a compreensão e conceituação de poeta e poesia centrada numa perspectiva clássica e logocêntrica anulam toda a pulsação poética

contemporânea que transborda dos textos, dos versos, contaminando outras linguagens artísticas e fortalecendo-se no grito recitado, no corpo em movimento, ocupando espaços físicos e digitais.

Ainda em 1979, no auge da segunda onda do feminismo, a poeta e crítica literária Ana Cristina Cesar já questionava a categorização de “literatura de mulher”, “poesia de mulher” sempre relacionada a temas voltados para “intimidade, dom mágico, pudor, meios-tons, surdina, véus, nuance. O ocluso, o velado, o inviolado” (Cesar, 2016, p. 270), reforçando assim o aprisionamento, tanto da própria poesia como da mulher, a um padrão que reforça a ideia binária de um universo naturalmente feminino, construído e defendido pela hegemonia masculina. Ana C. traz ainda outras indagações: “não haveria por trás dessa concepção fluídica de poesia um sintomático calar de temas de mulher, ou de uma possível poesia moderna de mulher, violenta, briguenta, cafona onipotente, sei lá?” (p. 270). Mais adiante, a autora reconfigura seu posicionamento, destacando que “[u]ma nova produção e um feminismo militante se dão as mãos, propondo-se a despoetizar, a desmontar o código marcado de feminino e do poético” (Cesar, 2016, p. 277). Passadas décadas, o grito poético insubmisso de Luna Vitrolira e outras poetisas contemporâneas mostra que toda essa reflexão, em torno da categorização das poéticas produzidas por mulheres, ainda vigora com o mesmo intuito enclausurador de antes. Entretanto, pela insubmissão das poetisas contemporâneas, a “despoetização” apontada por Ana C. reconfigurou-se como poetização política, que ainda desmonta códigos binários limitantes, mas, sobretudo, abre-se ao cruzamento de vozes, experiências e linguagens.

Na trilha dessa perspectiva poético-política, chegamos ao poema *Mulher*, das poetisas baianas Mariana Guimarães e Pók Ribeiro, em que o grito promove uma reconfiguração da autoria, acionando as mulheres para a poetização de suas experiências por meio de uma perspectiva de escrita e de performance autoral coletiva também insurrecionada contra os moldes do mercado editorial que robustecem o cânone literário. As suas vozes e escritas se misturam, amalgamadas pelas experiências de serem mulheres que escrevem, recitam, partilhando semelhantes vivências ancestrais e territoriais, bem como o legado de impedimentos esteados tão somente nas assimetrias de gênero e nas estereotípias territoriais.

Mulher

A gente nasce predestinada eles dizem
É meio como carregar o peso de ser pedra que deve ser alicerce
Mesmo que só queira malinar pés descalços
Eu queria ter nascido como um papel em branco a ser preenchido
do no tempo dos meus relógios e só com o que me convém
Mas é que eu nasci mulher

E tão logo nasci, já encontrei todo um repertório comportamental pronto, esperando para ser correspondido
Mas eu não sou pedra de alicerce eu digo não, eu não vou por aí.
Por muito tempo eu segui descontente as regras que você me impôs, patriarcado violento
Mas agora é diferente eu vou lhe mostrar como é, é que eu nasci mulher você me entende?
Mulher, aquela que pariu o mundo, não foi você quem me fez, eu é quem me refaço em toda lua.
Vocês me querem encaixotada dentro de um padrão, vocês me querem calada nunca dizendo não.
Mas é que eu nasci sabe? Mulher passarinha, meu corpo é asa e bem sabe voar.
Parece que vocês nos querem mortas, tábua de guardar prego torto.
Boca seca de murmurar concordâncias,
mas é que eu nasci mulher, eu é quem te pari, porque então tu acha que eu tenho que te servir?
(Guimarães; Ribeiro, 2020)

No poema, a mulher evocada no título e destinatária de todo esse manifesto insubmisso, que amplia o grito poético, também fala e se afirma “Mulher passarinha, meu corpo é asa e bem sabe/ voar”. Assim, ela recusa o ideal colonial de corpo feminino ao dispor das garras do sistema cisheteropatriarcal, a exemplo da família tradicional, a mídia, a religião, a academia, a moda, o capitalismo como um todo, transformando a histórica idealização de mulher-silêncio, mulher-coisa, mulher-lar, mulher-ventre em corpo-asa, metáfora da corporeidade política que produz possibilidades transgressoras de atuação no mundo e reconhecimento de si. Sobre a inaceitabilidade desses corpos em desvio, aqui compreendidos como corpo-asa, Butler, em entrevista concedida a Baukje Prins e Irene Costera Meijer (2002, p. 157), reflete: “Pensar os corpos diferentemente me parece parte da luta conceitual e filosófica que o feminismo abraça, o que pode estar relacionado também a questões de sobrevivência”. Pelo gesto contra-hegemônico de se pensar o corpo para além do utilitarismo defendido pelo colonialismo, esse corpo que se liberta das gaiolas regulatórias abre espaço para as interconexões com outros corpos que não se deixam medir pelas métricas do cisheteropatriarcado branco e constrói outras poéticas da corporeidade.

A cada verso que aguda o grito poético, há uma confrontação direta ao patriarcado, que agrega ao lirismo do texto uma perspectiva confessional de emancipação audaciosa: “Por muito tempo eu segui descontente as regras que você me impôs,/

patriarcado violento/ Mas agora é diferente eu vou lhe mostrar como é, é que eu nasci mulher/ você me entende?” Assim, também pelo lirismo, o texto exerce uma intervenção política que questiona, manifestada tanto pela interpelação do sistema regulador patriarcal como pela denúncia das opressões dele advindas.

Por uma linguagem que é escrita do corpo, o texto incita as mulheres a também desafiar as regulações de gênero e escreverem com seus corpos e todas as emoções e desejos que as atravessam, para assim subverterem a linguagem falocêntrica, tanto usada para moldar quanto silenciar as vozes femininas. A mulher-poema grita: “Vocês me querem encaixotada dentro de um padrão, vocês me querem calada/ nunca dizendo não”. E, assim, pela palavra, a voz, o grito, ela escreve a si própria. Hélène Cixous, em *O riso da medusa* (2022), reforça que é escrevendo sobre si mesmas e seus corpos, que as mulheres retomarão para si, também, a palavra, ressignificando a linguagem:

escrevendo-se, a mulher retornará a esse corpo seu, que fizeram mais do que confiscar, transformando-o num estranho do qual temos medo ao atravessar a rua – o doente ou o morto –, e que tantas vezes torna-se mau companheiro, causa e origem das inibições. Ao censurar o corpo, censura-se, de um golpe só, o sopro, a palavra (Cixous, 2022, p. 44).

Diante da censura e do “confisco”, o corpo-mulher se retrai, acumula palavras e sensações que podem levar ao adoecimento e à morte de sua subjetividade e pulsões. Somente o corpo contido, domado, ocupa o lugar de servidão e docilidade que o patriarcado reservou às mulheres. Ao gritarem “Parece que vocês nos querem mortas, tábua de guardar prego torto./ Boca seca de murmurar concordâncias,/ mas é que eu nasci mulher, eu é quem te pari, porque então tu acha que eu/ tenho que te servir?”, as poetisas encarnadas nos versos põem fim à naturalização da violência – representada pelo prego que viola a tábua – contra suas existências e recusam obediência à hegemonia masculina, reescrevendo o lugar de poder, mas sem intentar inverter polos hierárquicos. Não se trata de transferência de poderes do falo à vulva, mas de reapropriação do desejo, do corpo enquanto potência criadora e criativa, da palavra que reinventa linguagens e constrói espaços de dizibilidade e visibilidades, onde suas subjetividades são respeitadas. Desse modo, a escrita coletiva que acolhe experiências de mulheres plurais, as mulheres do/no poema assumem a umidade de suas identidades em movimento, reinventando-se em ciclos, tal qual faz a lua, e, assim, abandonando a secura do pensamento colonial e patriarcal, em permanente transgressão.

Ainda em diálogo com outras vozes de mulheres, evidenciamos que o re-conhecimento/autoconhecimento dessas mulheres enquanto sujeitas gendradas atravessadas por outros marcadores, como raça, classe e território, agencia-as à resistência e à

produção de outros discursos sobre si mesmas. “Se, no contexto de produção colonial, o subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”, conforme Spivak (2010, p. 85), sofrendo invisibilidades sobrepostas, sobretudo mulheres negras, indígenas, periféricas, não acolhidas pelo perfil ideal de “mulher”, tolerado pelo dominador. Por isso, é preciso atentar-se para que o grito poético das mulheres, seus pensamentos e criações em umidade, não sejam cooptados pelo sistema que as oprime.

Retomando o grito de Sojourner Truth, que tanto ajudou a umedecer os caminhos para estas reflexões, percebemos que a resistência das mulheres escritoras, ao tomarem para si o discurso sobre suas vivências e, sobretudo, sobre seus corpos, é fundamental para a destituição da condição de subalternidade imposta pelo cânone patriarcal e eurocentrado, que segue reafirmando o poder do sujeito autorizado, a saber, cis, branco, elitista e localizado nos grandes centros urbanos. Para a abolicionista estadunidense,

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem (Truth, 2014)³.

A voz de Sojourner Truth rasga o invólucro protetor do poder colonial patriarcal, ao abandonar o cárcere do silêncio, tornando público seu grito insubordinado e reivindicativo. Com a astúcia e subversão de Lilith – que, para a mitologia judaica, foi a primeira criatura feminina, feita do mesmo barro que Adão e, portanto, não concordava em ser submetida por ele (Myara, 2024) –, Truth recorre à figura de Eva, a primeira mulher feita por Deus, segundo a narrativa bíblica cristã, e livra-a da culpa, essa marca impingida na mulher pelo Cristianismo e reforçada pelo sistema patriarcal. Em sua performatividade política e discursiva, Truth então reescreve a narrativa de culpabilização da mulher, retirando de Eva toda sujeição e culpa e atribuindo a ela a potência do poder transformador, a capacidade de reconstrução de si e do seu mundo, pela confluência de poderes dessas mulheres, agindo em coletividade.

Ousando alinhavos de vozes, é possível identificar que, nos versos e gritos poéticos dos poemas *eu sou do time das insubmissas* e *Mulher*, reverbera, também, o grito e a desobediência de Truth, seja pelo enfrentamento direto às vozes hegemônicas sustentadas pelo silêncio das mulheres, seja pelo jogo habilidoso com palavras e signos do mando patriarcal. Elas não vão mais trilhar pelos caminhos inventados pelo

³ Fragmento do discurso de Sojourner Truth, em 1951, disponibilizado na íntegra pelo Portal Geledés.

patriarcado, “eu não vou por aí” (Guimarães; Ribeiro, 2020), nem arrefecer frente às limitações: “não passo pano/ pra macho” e “meu verbo não se dobra” (Vitrolira, 2025). O grito poético dessas mulheres brota dos desvios e encontros promovidos pelos seus corpos-asa, em busca do verso novo por vir.

Cruzando um texto no outro, como pernas que se enroscam numa anatomia contranormativa, podemos evidenciar que eles se comunicam pela experiência encarnada de ser mulher numa sociedade movida pelo sistema capitalista e cisheteropatriarcal, que estende seus tentáculos normativos e punitivos, mesmo que as poetas autoras experienciem outras subjetividades em territórios distintos: “eu nasci para desafiar cercas” (Vitrolira) e “mas eu não sou pedra de alicerce” (Ribeiro & Guimarães).

Experimentamos nesses versos um desejo de umidade pulsante, que anseia o desvio, as circularidades e caminhos movediços que escapam da linearidade epistemológica e literária clássica. Não se trata de mera fuga, demandada por medo do enfrentamento, mas de negação de lugares e funções de servidão impostas, de arrepio da palavra que vibra na pulsação da vida. São poéticas experienciadas, antes, na carne, na intensidade dos encontros, na acolhida da palavra e do grito de outras mulheres, igualmente silenciadas, mas que guardam palavras e poéticas em profusão.

Assim, é possível percebermos que os textos carregam também uma força poética ancestral, não apenas manifestada na memória afetiva, no recolhimento das palavras sopradas em segredo, mas sobretudo pela afirmação de elementos e energias ancestrais como impulsionadoras de suas poéticas: “eu sou de Iansã: foi o vento que me ensinou a ser livre a desobedecer” (Vitrolira) e “eu é quem me refaço em toda lua” (Ribeiro & Guimarães).

Seja pela reverência a Iansã ou Oyá, rainha dos ventos e ventanias que movem certezas absolutas, a orixá guerreira, representativa da coragem e força movedora, seja ainda pela conexão com a lua e seu poder de transformação cíclica, os poemas resgatam a potência ancestral, bem como a poeticidade das vozes e corpos das mulheres que vieram antes e abriram os caminhos de dizibilidade e enfrentamento. Hoje as poetas ocupam seus espaços com a insubordinação de suas poéticas políticas. Assim, pela criação poética, pela impulsão do grito, recuperam os sopros da voz ancestral e com ela giram na palavra indócil.

Ainda nesse cruzo de vozes nos/dos poemas, o grito, além de renúncia à normatização dos corpos e da poesia produzida por mulheres, representa o enfrentamento destemido e a reconfiguração da genealogia patriarcal: “cuspir meus trovão!oes nos telhados das ordens” (Vitrolira, 2025) e “eu sou mulher, eu é quem te pari, porque então tu acha que eu tenho que te servir?” (Ribeiro & Guimarães).

A poesia que arreventa a forma clássica, recusando a docilidade e economia de palavras e gestos, ao cuspir, excretar o silêncio e as dores guardadas, também explode a ordem gramatical e ortográfica padrão, como se dá na grafia de “trovão!oes”

ou nas marcas da oralidade evidenciadas em “tu acha”. São poéticas dissidentes produzidas no mover da vida, na apropriação das próprias emoções e das movências da língua, por isso não se aparta da existência das autoras. Considerando-se a necessidade vital da escrita na vida dessas mulheres, suas inventividades poéticas se reconstróem continuamente, como ato político-poético e visceral, endereçado a outras mulheres que ainda têm sua palavra sufocada no calabouço das dominações e censuras. Para muitas autoras há, também, uma urgência curativa nos processos de escrita, que se dá pela evacuação de emoções e desejos reprimidos em nome da manutenção de um perfil de mulher inventado pelo patriarcado em parceria com o capitalismo; assim, escrever para elas é escrever-se! Escrever-se em interjeição! O grito poético da autoapresentação literária (Conceição Evaristo 2005), mas também sociopolítica, como declara Flávia Péret:

Escrevo/escrevemos porque nossas histórias foram mal contadas, porque as histórias das mulheres ainda precisam ser bem contadas, escritas e reescritas, faladas em voz alta, repetidas e memorizadas. Escrevemos porque desejamos apresentar outra versão dos fatos, porque queremos reescrever a história e, ao mesmo tempo, abolir seu conceito hegemônico. Escrevo porque tenho uma vida íntima – todas temos – e o que se passa dentro de cada mulher é singular e também político. Escrevo porque vejo o mundo com intensidade e porque o mundo está em todo lugar. Ele é vasto e também é pequeno, feito de ruído de fundo e de grandes estrondos, hélices de helicópteros e hélices de liquidificadores, as páginas de um livro, um poema, outra mulher. Escrevo para me expressar, expressar minha raiva, meu humor, meu amor. Escrevo também para inventar o amor e a raiva, a maternidade e a política, a escrita e a literatura. Escrevo porque gosto. Porque, sim. Porque nunca mais vamos parar de escrever (Péret, 2022, p. 28).

Escrever sem temer as repressões, sem hesitar diante dos julgamentos depreciativos e exclusões permanentes; escrever para umedecer inquietações, palavras e ações libertárias. Escrever para arquitetar outros caminhos de acolhimento da palavra de si e do outro, do silêncio, e assim re-tecer, por mãos próprias, os fios da história contada. É, pois, por meio dessa escrita poética desobrigada das regras e estruturas impostas para garantir a perpetuação da dominação canônica, que as mulheres vão, de modo mais coletivo, promovendo borrões nesse sistema anulador e garantindo eco à voz de Anzaldúa, Péret e outras mulheres que partilharam e ainda partilham com elas as águas frívolas de autorreconhecimento e transformação por meio da palavra, que é também ação política e de subversão. Rick Afonso-Rocha (2020,

p. 342) lembra que, “se a literatura é espaço de realização de ideologia, se é espaço de sublimação das lutas de classes, de ocultação da dominação, de adestramento, é também espaço de contestação, de resistência, de transformação”, por isso, as mulheres escrevem para registrar o que é silenciado e para reescrever as tantas histórias mal contadas sobre mulheres, como também disse Anzaldúa (2000): “Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios” (p. 231), uma vez que o silêncio e o temor põem a salvo apenas os opressores.

Assim, as mulheres resistem às imposições da ideologia, por meio do grito poético e, desse modo, “o grito passa a ser uma materialidade significativa atravessada por um processo de interpelação que provoca diferentes posições e diferentes processos de identificação” (Modesto, 2018, p. 137). É a partir dessa interpelação à negação, ao interdito, ao silenciamento que elas reconstroem e ressignificam lugares e discursos, produzindo literaturas que não carecem de outorgas ou classificações externas. Essas escrituras nascem da subversiva “possibilidade de dizer eu” (Modesto, 2018), apesar de todos os processos anulatórios que perpassam seu existir enquanto sujeitas da palavra.

Deslocamentos para os gritos que virão

O grito poético presente nos poemas *eu sou do time das insubmissas* (Vitrolira, 2025) e *Mulher* (Guimarães; Ribeiro, 2020) não é apenas expressão, é também construção de uma voz contra-hegemônica, que se coloca em permanente abertura para a aglutinação de outras vozes, gritos, sussurros. São manifestações poéticas que recusam o controle linguístico, literário e político, que resgatam marcas da ancestralidade e, com afeto, acolhem o grito guardado das mães, avós e outras gerações silenciadas, mas sem abandonar a valentia, a firmeza das palavras e gestos. Assim, esse grito ainda é necessário, diante das exclusões e assimetrias que permeiam a sociedade e, conseqüentemente, o meio literário, para que, assim, as poéticas dissidentes, sobretudo produzidas mulheres negras, trans, periféricas, rurais, lésbicas, indígenas, pobres, sejam destacadas, numa perspectiva política de reivindicação de espaço e voz.

Daí a importância de nos aproximarmos e acolhermos esse corpo-escrito que também é corpa – se assim desejar –, corpo-asa, *corpus* e território de insubordinações, por onde desaguam as poéticas políticas encarnadas e as sementes epistêmicas de subversão ao cânone e suas tecnologias de dominação. As vozes dos textos são o próprio dizer e sentir do corpo que escreve e se inscreve e, sendo ele um corpo regulado e expropriado pelo sistema cisheteropatriarcal que robustece o cânone literário, no caso das mulheres escritoras e de outros sujeitos e grupos subalternizados, é fundamental que se demarque quem fala e de onde fala, não com a intenção de categorizar ou fixar identidades, mas de borrar e subverter os perfis e espaços

legitimados como representantes universais da literatura produzida no país. Essa demarcação não é uma reprodução opositiva das dominações, mas uma resignificação dos lugares de enunciação por meio de uma poética política atravessada pela resistência às invisibilizações e silenciamentos.

Enquanto as vozes dos corpos plurais e/ou dissidentes não são ouvidas, tendo em vista que também eles são vilipendiados constantemente pelas opressões legitimadas pelo sistema capitalista cisheteropatriarcal e eurocentrado, é fundamental que as enunciações poéticas e existências contra-hegemônicas e contracanônicas circulem, reforçando a gira das insubmissões. É a negação ao lugar de subalternia, costumeiramente destinado às escritas e subjetividades que fogem ao padrão demasiadamente higiênico, enxuto e comedido do cânone literário patriarcal, por meio de escritas embebidas de fluidos corporais capazes de destronar o falo, assentado em seu pedestal de barro, tal qual o primeiro homem das histórias contadas por ele mesmo.

Referências

- AFONSO-ROCHA, R. Saudosismo literário: a destruição imaginária da Literatura. In: Iago et al (Orgs.). *Cutucando o cu do cânone: insubmissões teóricas e desobediências epistêmicas*. Salvador: Devires, 2022.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. de Édna M. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza*. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.
- ANZALDÚA, G. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.
- CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DERRIDA, J. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.
- EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, v. 1, p. 52–57, 2005.
- GUIMARÃES, M; RIBEIRO, P. *Mulher*. Anotações pessoais das autoras, 2020.
- HADDOCK-LOBO, R. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2011.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

